

QUAIS SÃO OS AUTORES E TEMAS DOS ESTUDOS FOLKCOMUNICACIONAIS? RETRATO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DAS CONFERÊNCIAS DA REDE

Kevin Willian Kossar Furtado*

Sérgio Luiz Gadini**

RESUMO

O presente artigo é um recorte pontual da pesquisa “A folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 15 primeiras edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação”. Visa identificar as principais contribuições dos estudos folkcomunicacionais no Brasil a partir das produções científicas apresentadas nas edições da Folkcom (1998 a 2012) e realizar um levantamento de identificação (conceitual, metodológica, empírica e autoral) da referida produção. Para esse momento, a preocupação é abordar os processos de produção do projeto na metodologia empregada para a coleta de dados; relatar os entraves ao longo do percurso da pesquisa no que diz respeito à coleta de informações referentes às categorias analisadas; apontar quais são os autores de referência nos últimos 14 anos de produção bibliográfica da folkcomunicação no Brasil e explicitar as lacunas latentes ainda existentes nas lógicas de organização das Conferências, observadas na (in)definição do número de Grupos de Trabalho e nas (des)orientações sobre a formatação dos *papers*, bem como em temas que, em muitos casos, passam um pouco ao largo da perspectiva folkcomunicacional. O estudo traz um panorama atualizado de 15 anos da folkcomunicação no Brasil.

Palavras-chave: Folkcomunicação – Conferência Brasileira de Folkcomunicação – estudos de mídia e cultura popular – Rede Folkcom.

* Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação (interdisciplinar) em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), editor associado da *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* e assistente editorial da *Revista Emancipação*. E-mail: kevin@aol.com.br.

** Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Coordenador do mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: sergiogadini@yahoo.com.br.

ABSTRACT

This paper is a timely excerpt of a research entitled “Folk communication and contemporary literature on media and popular culture: a survey and a picture of the first 15 editions of the Brazilian Conference of Folk Communication”. Its aim is to identify the main contributions of folk communicational studies in Brazil based on the scientific productions presented in the editions of Folkcom (1998-2012) and survey the (conceptual, methodological, empirical, and authorial) identification of the said production. For now, the concern is to address the projects production processes used in the methodology designed for data collection; to report the obstacles along the course of the study with regard to the collection of information concerning the analyzed categories; to point out the reference authors in the last 14 years of literature production on folk communication in Brazil, and to mention the latent gaps still existing in the organizational logic of Conferences, observed in the (un)definition in the number of Working Groups and the (mis)guidance on format of papers as well as on issues that, in many cases, are a bit off the folk communicational perspective. The study provides an updated overview of 15 years of folk communication in Brazil.

Keywords: Folk communication – Brazilian Conference of Folk Communication – studies on media and popular culture – Folkcom Network.

INTRODUÇÃO

Para entender a perspectiva conceitual do pernambucano Luiz Beltrão, particularmente no que diz respeito aos diálogos culturais, é preciso situar o surgimento da folkcomunicação, como abordagem (inter)disciplinar articulada entre as manifestações folclóricas que se apresentam como estratégias comunicacionais. Considerado um dos expoentes do ensino de jornalismo no Brasil (e criador do Curso da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, em 1961), Beltrão “analisava a comunicação popular como manifestação própria dentro de um determinado grupo cultural” (GOBBI, 2007, p. 16).

Para o fundador desta perspectiva, a folkcomunicação compreende um “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Tal abordagem vem na esteira de uma reflexão de Edson Carneiro, o qual assegurava que “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo” (apud BELTRÃO, 1980, p. 24).

Isso porque, de acordo com Beltrão, a folkcomunicação

preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório. (1980, p. 26).

Marques de Melo explica que se o folclore

compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural [complementando que] esta era a compreensão original de Luiz Beltrão, que a entendia como *processo de intermediação entre a cultura das elites* (erudita ou massiva) *e a cultura das classes trabalhadoras* (rurais ou urbanas). (2007, p. 48, grifos do autor).

Assim, em 1998, um grupo de pensadores da área – que hoje integram a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) –, lança a I Conferência Brasileira de Folkcomunicação. A partir de então, a cada ano, o evento passa a ser realizado em diferentes locais do País, com sede itinerante. Em 2012, acontece a 15ª edição da Conferência. E, pois, considerando que até o momento não há estudos sistematizados sobre o que foi produzido e apresentado ao longo desta trajetória (de 15 edições consecutivas do evento), é fundamental realizar um levantamento de tal produção, tendo por base os textos apresentados nos diversos grupos de trabalho (e pesquisa) mantidos ao longo deste período.

O presente artigo faz parte do projeto “A folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 15 primeiras edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação”, que visa identificar as principais contribuições dos estudos folkcomunicacionais, no campo da comunicação no Brasil, a partir das produções apresentadas nas edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação (realizadas entre 1998 e 2012); levantar a produção científica apresentada nas 15 edições da Conferência, tendo por base os textos (*papers*) apresentados nos Grupos de Trabalho (GTs)¹ dos referidos eventos. Pode-se afirmar que o levantamento dos dados das produções das edições da Folkcom constitui, até o momento, um dos maiores já realizados na área.

O estudo busca também um levantamento de identificação metodológica, empírica e autoral da referida produção científica; levantar as

¹ Ao longo das Conferências, os grupos de trabalho foram (re)nomeados de diferentes formas, como se vê adiante.

principais referências de estudos em folkcomunicação, bem como as principais abordagens que, atualmente, dialogam com estudos folkcomunicacionais no Brasil e; verificar possíveis impactos, pertinência e atualidade, da Conferência Brasileira de Folkcomunicação, a partir de presença conceitual e de autores que publicam textos no referido evento.

Por considerar que a Conferência Brasileira de Folkcomunicação, lançada em 1998, é o principal evento da área em nível nacional, o mapeamento da pluralidade (com as devidas características e marcas autorais), mais do que um mero índice dos autores recorrentes e das abordagens usuais mais frequentes ao longo das edições da Folkcom, deve contribuir para que os pesquisadores da área, em especial o grupo que atua em torno da Rede Folkcom, entidade responsável pelo planejamento e organização da Conferência, tenham conhecimento das principais referências e eixos temáticos que norteiam os estudos em folkcomunicação no Brasil, para assim (re)pensar as possibilidades de outros estudos científicos, enfoques e aportes que venham fortalecer o caráter multidisciplinar da teoria.

O levantamento dos autores mais citados e das abordagens usuais da folkcomunicação no Brasil pretende impulsionar reflexões (as quais se espera ver em futuros estudos da área) sobre o que se tem produzido, no que se pode avançar, quais as lacunas e os enfoques lançados por Beltrão que têm sido deixados de fora, de qual fonte os pesquisadores do âmbito têm bebido e que legado fica para as futuras gerações de estudiosos folkcomunicacionais.

PROBLEMATIZAÇÃO E METAS

As análises foram realizadas com base nas produções publicadas nos anais das Folkcoms de 1998 a 2011². Até o momento – visto que a pesquisa está em andamento, falta apenas consultar os anais da XV Conferência (2012) – foram analisados 448 *papers* (artigos e ensaios) de 11 Conferências. Uma pesquisa inicial (KOSSAR FURTADO; GADINI, 2012) sobre os dados, que tratava sobre as 70 obras (livros, coletâneas, artigos/ensaios) referências de

² As Conferências de 2002, 2008 e 2010 não produziram anais. A pesquisa não localizou anais da V Folkcom (2002) na forma de CD e tampouco os textos apresentados em GTs estão disponíveis na internet. A XI Folkcom (2008) foi realizada paralelamente ao Congresso da Intercom. O referido evento foi conduzido apenas na forma de mesas, além de contar com lançamentos editoriais. Não houve inscrição e tampouco apresentação de trabalhos nos GTs da Folkcom. Sobre a XIII Folkcom (2010), os participantes informaram-nos que, para o evento, houve a inscrição de dezenas de textos, mas os organizadores não disponibilizaram anais com a publicação dos trabalhos apresentados. E, da mesma forma, tais arquivos não estão disponíveis na internet. Assim, as três edições da Folkcom (2002, 2008 e 2010) não integram a presente pesquisa por absoluta inviabilidade de acesso ao material que teria sido apresentado nos GTs.

todas as Folkcoms – e que dialoga com uma das temáticas do presente artigo, os autores mais citados nas Conferências – mostrou, além da hegemonia beltraniana, no que diz respeito à citação de obras:

constata-se que muitos textos (ensaio, artigo, breve relato de pesquisa ou mesmo comentário) ficam muito distantes de qualquer aproximação com a Folkcom. [...] Como existem trabalhos apresentados que oscilam em diversos e amplos campos de abordagens e tematizações, as indicações recorrentes também indicam uma grande pluralidade de conceitos trabalhados. [Assim,] do ponto de vista da pluralidade e mesmo da interdisciplinaridade, é possível constatar que há uma ‘riqueza’ nas abordagens. No entanto, esta mesma contribuição precisa, sempre que viável, dialogar, tencionar ou se relacionar com o campo específico de que se fala ou tematiza. Neste caso, a Folkcomunicação. (KOSSAR FURTADO; GADINI, 2012, p. 14).

O desafio de identificar os eventuais impactos da contribuição dos estudos folkcomunicacionais no campo da comunicação no Brasil tem por pressuposto a compreensão das bases conceituais que norteiam a referida abordagem (folkcomunicação). E, portanto, a primeira etapa da pesquisa envolve um estudo teórico e metodológico na produção dos principais autores do campo disciplinar, em especial nos textos de Luiz Beltrão. Em seguida, o estudo volta-se à identificação de fatores, variáveis e indicadores que podem revelar as possíveis contribuições dos estudos folkcomunicacionais, tendo por base as Folkcoms.

Por fim, está prevista a sistematização do que se pode concluir, a partir das diferentes etapas e momentos da investigação, dos resultados da presente proposta. Espera-se, assim, indicar alguns aspectos que podem expressar a eventual importância, atualidade, pertinência ou mesmo influência, dos estudos folkcomunicacionais no campo da comunicação no Brasil, no referido período de amostragem.

METODOLOGIA

Para cumprir os propósitos da pesquisa, todos os textos publicados – e disponíveis – nos anais das Conferências Brasileiras de Folkcomunicação foram levados em conta. Nesse sentido, das 14 Conferências realizadas até o momento, foi possível fazer a análise de 11 edições do evento, que disponibilizaram anais.

Como processo metodológico, a análise levantou nos *papers* variáveis que identificam a formação dos pesquisadores/escritores, os eixos temáticos/temas que norteiam as produções dos artigos/ensaios, a referência geográ-

fica dos autores (leia-se localização da instituição de ensino) e as referências bibliográficas (levando em conta os autores bases dos estudos e as obras recorrentes) que orientam os trabalhos apresentados nas Folkcoms.

São seis as categorias de análise: titulação, levando em conta a formação completa do autor e dos coautores no momento da pesquisa (graduado, especialista/pós-graduado, mestre ou doutor); eixo temático/tema dos textos (18 ao todo, sendo que somente os quatro mais usados estão sendo apresentados no presente artigo), inspirado em Gadini e Calixto (2010); origem autoral dos autores e coautores (região e estado); instituição de ensino de vínculo do pesquisador(a) no momento da pesquisa (universidade/faculdade); autores, seja da folkcomunicação ou de outros campos, áreas ou subáreas usados e; as obras (livros, ensaios, artigos, coletâneas, páginas da *web* e afins) recorridas pelos pesquisadores(as).

A análise foi feita com base na leitura das principais referências do texto: título, resumo e palavras-chave. Quando não era possível avaliar as categorias nesses elementos, recorria-se à leitura do artigo todo, até chegar-se às definições almejadas. Em alguns casos – quando os anais só ofereciam os resumos e em tal não se conseguia fazer a análise completa – tornava-se necessário procurar na rede o referido artigo (completo) para a referida coleta das variáveis.

As (des)orientações para a formatação dos textos (como será visto adiante) complicaram sobremaneira a análise. A consulta aos Currículos Latentes dos autores foi intensa, pois a titulação, origem autoral e instituição de ensino nem sempre era explicitada. Em diversos casos faltavam até mesmo as referências bibliográficas. E, em algumas vezes, quando estas apareciam, eram “jogadas” ao longo do texto, o que demandava um esforço de busca e até de “adivinhação”, “pois várias citações, em diferentes trabalhos, [eram] feitas apenas por nome do autor ou até da obra, deixando em aberto (ao livre entendimento) as demais informações fundamentais para identificar uma citação bibliográfica” (KOSSAR FURTADO; GADINI, 2012, p. 5), como mostrou um artigo que trata das obras mais usadas nas Folkcoms.

Em certos casos, uma análise inicial não dava suporte para a definição do eixo temático do *paper*. Assim – no caso dessa categoria, como de outras (em especial das referências bibliográficas) –, uma nova “leitura” (mais pormenorizada) era feita para verificar os aspectos obscuros dos artigos/ensaios.

Em último caso, quando se esgotavam as possibilidades de definir as categorias propostas pela pesquisa, era enviada mensagem eletrônica aos autores (e/ou coautores) dos artigos/ensaios que integram a referência de amostragem do levantamento. Com uma insistência forçada, os autores foram, prática e educadamente, impelidos (com o prazo de duas semanas) a indicar os dados

faltantes da pesquisa. Pode-se dizer que o retorno do presente levantamento esteve na média do aceitável, superando expectativas iniciais pautadas em outras experiências. Mesmo assim, houve aqueles que só responderam depois de certa insistência, após envio de três ou até quatro e-mails, e outros ainda que, por conta de afazeres da corrida vida contemporânea, alegaram não ter tempo hábil para colaborar. Menos mal que foram poucos autores que não “puderam” contribuir!

AUTORES MAIS REFERENCIADOS

Na sequência estão os principais resultados do estudo, no que diz respeito aos autores e autoras mais referenciados nos trabalhos apresentados nas 14 edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Dado o limite de espaço, apenas uma parte dos resultados é indicada aqui. Outras informações serão discutidas em outras oportunidades.

No Quadro 1, a seguir, são listados os 70 autores mais citados nas produções para as Conferências Brasileiras de Folkcomunicação entre 1998 e 2011 – o quadro diz respeito aos autores que possuem tanto obras que tratam exclusivamente de folkcomunicação como de trabalhos de áreas interdisciplinares; comunicação, majoritariamente. Confira!

Quadro 1 - Os 70 autores mais citados nas Conferências Brasileiras de Folkcomunicação entre 1998 e 2011

Autor	Total de citações nas 14 edições da Folkcom (1998-2011)	Posição
BELTRÃO, Luiz	317	1
MARQUES DE MELO, José	179	2
CANCLINI, Néstor García	100	3
BENJAMIN, Roberto	94	4
CASCUDO, Luís da Câmara	88	5
LUYTEN, Joseph Maria	63	6
ORTIZ, Renato	51	7
HALL, Stuart	50	8
SCHMIDT, Cristina	45	9
MARTÍN-BARBERO, Jesús	44	10
TRIGUEIRO, Osvaldo Meira	44	10
BOSI, Ecléa	37	12
DAMATTA, Roberto	35	13
BRANDÃO, Carlos Rodrigues	32	14
SODRÉ, Muniz	32	14
BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich	29	16

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de	28	17
BOURDIEU, Pierre	27	18
BOSI, Alfredo	25	19
COUTINHO, Iluska Maria da Silva	23	20
FREYRE, Gilberto	23	20
THOMPSON, John B.	22	22
CARNEIRO, Edison	19	23
HOHLFELDT, Antonio	19	23
MORIN, Edgar	19	23
BENJAMIN, Walter	18	26
FERNANDES, Florestan	17	27
MAYNARD ARAÚJO, Alceu	17	27
BREGUEZ, Sebastião	16	29
GADINI, Sérgio Luiz	16	29
GEERTZ, Clifford	16	29
LUCENA FILHO, Severino Alves de	16	29
MAFFESOLI, Michel	16	29
CORNIANI, Fábio	15	34
BARTHE, Roland	15	34
FOUCAULT, Michel	15	34
ORLANDI, Eni Puccinelli	15	34
SANTAELLA, Lúcia	15	34
ADORNO, Theodor	14	39
BAUMAN, Zygmunt	14	39
GONZÁLEZ, Jorge Alejandro	14	39
GRAMSCI, Antonio	14	39
GRINBERG, Isaac	14	39
LIMA, Rossini Tavares de	14	39
CÂNDIDO, Antônio	13	45
CERTEAU, Michel de	13	45
GIDDENS, Anthony	13	45
RODRIGUES, Adriano Duarte	13	45
BURKE, Peter	12	49
CASTELO BRANCO, Samantha	12	49
ECO, Umberto	12	49
ELIADE, Mircea	12	49
MATTELART, Armand	12	49
PERUZZO, Cíclia Maria Krohling	12	49
BERGER, Peter	11	55
CHAUÍ, Marilena	11	55
GIL, Antônio Carlos	11	55
TRINTA, Aluizio Ramos	11	55
WOLF, Mauro	11	55
ARANTES, Antônio Augusto	10	60
FREIRE, Paulo	10	60
GOBBI, Maria Cristina	10	60
IANNI, Octavio	10	60
KUNSCH, Waldemar Luiz	10	60
LÉVY, Pierre	10	60
LUCKMANN, Thomas	10	60
PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu	10	60
SILVA, Tomaz Tadeu da	10	60
TODOROV, Tzvetan	10	60
VALLADARES, Clarival do Prado	10	70

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012

O que chama atenção nos dados deste primeiro quadro? Para além da presença referencial de Luiz Beltrão (com 317 citações nas 14 edições da conferência) – talvez, óbvia, em virtude das obras fundadoras da folkcomunicação –, é também compreensível o destaque para a média de citações a José Marques de Melo (com 179 citações nos eventos da Rede), seja pela produção intelectual ou também pela capacidade de articulação política, em especial na liderança agregadora e iniciativa aos projetos editoriais e demais ações na área.

Em seguida, destacam-se autores que, por suas respectivas abordagens inter ou multidisciplinares, em especial nas Ciências Sociais, e com estudos sobre fenômenos culturais, situam-se entre os pensadores que também dialogam ou podem ser “trazidos” ao debate na discussão folkcomunicacional, embora não trabalhem especificamente a Folkcom. Néstor García Canclini é o terceiro dos autores mais presentes nas Conferências, com 100 citações. A colocação de Câmara Cascudo, que aparece na quinta posição de maior frequência/autor (com 88 referências), tem uma explicação simples: é o sistematizador de reconhecidas obras sobre cultura e folclore no Brasil. Na sequência, e ainda entre os dez mais citados autores nos trabalhos apresentados nas Conferências, também encontram-se autores com esta mesma perspectiva interdisciplinar, como Renato Ortiz, Stuart Hall (um dos fundadores dos estudos culturais britânicos) e Jesús Martín-Barbero (com 44 citações).

Entre os primeiros autores mais citados, também se sobressaem pensadores da folkcomunicação com importantes reflexões conceituais ou estudos de caso na área, como é o caso de Roberto Benjamin (94 citações), Joseph Luyten, com 63 referências, Cristina Schmidt (45 citações) e Osvaldo Trigueiro (com 44 referências).

Na sequência, os 13 autores mais citados na categoria dos que possuem tanto obras que tratam exclusivamente de folkcomunicação como de trabalhos de áreas interdisciplinares (comunicação, majoritariamente):

Quadro 2 - Os 13 autores que tratam, ou exclusivamente da folkcomunicação, ou que também produzem obras em outras áreas da comunicação, mais citados nas edições da Folkcom de 1998 a 2011

Autor	Total de citações nas 14 edições da Folkcom (1998-2011)	Posição
BELTRÃO, Luiz	317	1
MARQUES DE MELO, José	179	2
BENJAMIN, Roberto	94	3
LUYTEN, Joseph Maria	63	4
SCHMIDT, Cristina	45	5
TRIGUEIRO, Osvaldo Meira	44	6
HOHLFELDT, Antonio	19	7

BREGUEZ, Sebastião	16	8
GADINI, Sérgio Luiz	16	8
LUCENA FILHO, Severino Alves de	16	8
CORNIANI, Fábio	15	11
CASTELO BRANCO, Samantha	12	12
GOBBI, Maria Cristina	10	13

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012

O Quadro 3, a seguir, apresenta os mais de 57 autores interdisciplinares – que não escrevem sobre folkcomunicação, mas sobre áreas afins, como Comunicação, Ciências Sociais, folclore, cultura popular, mais recorrentes nas obras (livro, coletânea, artigo/ensaio) das 14 edições da Conferência Folkcom.

Quadro 3 - Os 57 autores interdisciplinares mais citados nas edições da Folkcom de 1998 a 2011

Autor	Total de citações nas 14 Folkcoms (1998-2011)	Posição
CANCLINI, Nestor García	100	1
CASCUDO, Luís da Câmara	88	2
ORTIZ, Renato	51	3
HALL, Stuart	50	4
MARTÍN-BARBERO, Jesús	44	5
BOSI, Ecléa	37	6
DAMATTA, Roberto	35	7
BRANDÃO, Carlos Rodrigues	32	8
SODRÉ, Muniz	32	8
BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich	29	10
QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de	28	11
BOURDIEU, Pierre	27	12
BOSI, Alfredo	25	13
COUTINHO, Iluska Maria da Silva	23	14
FREYRE, Gilberto	23	14
THOMPSON, John B.	22	16
CARNEIRO, Edison	19	17
MORIN, Edgar	19	17
BENJAMIN, Walter	18	19
FERNANDES, Florestan	17	20

MAYNARD ARAÚJO, Alceu	17	20
GEERTZ, Clifford	16	22
MAFFESOLI, Michel	16	22
BARTHES, Roland	15	24
FOUCAULT, Michel	15	24
ORLANDI, Eni Puccinelli	15	24
SANTAELLA, Lúcia	15	24
ADORNO, Theodor	14	28
BAUMAN, Zygmunt	14	28
GONZÁLEZ, Jorge Alejandro	14	28
GRAMSCI, Antonio	14	28
GRINBERG, Isaac	14	28
LIMA, Rossini Tavares de	14	28
CÂNDIDO, Antônio	13	34
CERTEAU, Michel de	13	34
GIDDENS, Anthony	13	34
RODRIGUES, Adriano Duarte	13	34
BURKE, Peter	12	38
ECO, Umberto	12	38
ELIADE, Mircea	12	38
MATTELART, Armand	12	38
PERUZZO, Cícilia Maria Krohling	12	38
BERGER, Peter	11	43
CHAUI, Marilena	11	43
GIL, Antônio Carlos	11	43
TRINTA, Aluizio Ramos	11	43
WOLF, Mauro	11	43
ARANTES, Antônio Augusto	10	48
FREIRE, Paulo	10	48
IANNI, Octavio	10	48
KUNSCH, Waldemar Luiz	10	48
LEVY, Pierre	10	48
LUCKMANN, Thomas	10	48
PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu	10	48
SILVA, Tomaz Tadeu da	10	48
TODOROV, Tzvetan	10	48
VALLADARES, Clarival do Prado	10	57

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012

A pesquisa também levou em conta as principais abordagens temáticas das Conferências Folkcom. Ao todo, a pesquisa considerou 18 eixos temáticos. Para o presente artigo estão sendo retratados os quatro eixos (temas dos textos, *grasso modo*) mais usados nas abordagens dos autores das edições da Folkcom. Cada texto foi enquadrado em um eixo temático. Quando havia mais de uma abordagem nos textos, a escolha de uma entre as possíveis pautava-se ao tópico majoritário, conforme apontado no título, resumo e/ou palavras-chave do *papel*.

Quadro 4 - Principais eixos temáticos usados nas edições da Folkcom de 1998 a 2011

Eixos temáticos mais empregados nos textos	Total de aparições ao longo das Folkcoms (1998-2011)	Posição	Percentual
Cultura popular	84	1	18,7%
Expressões folkcomunicacionais: etnias, religião, política, turismo, marketing	79	2	17,6%
Comunicação popular/massiva	59	3	13,1%
Reflexões interdisciplinares	57	4	12,9%
Total de aparições (um eixo por texto)/Total de textos das Conferências (1998-2011)	279/448		62,3%/100%

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012.

Para a presente pesquisa, o eixo “cultura popular” é entendido com a referência ao caráter popular da expressão cultural, que dialoga com as mais diferentes variáveis conceituais sobre o tema, como “cultura dominada”, “cultura hegemônica”, “cultura operária”, “cultura de massa”, “culturas subalternas”, “culturas híbridas”, “cultura urbana”, além de uma “cultura da mídia”, conforme explica Douglas Kellner (apud GADINI, 2007).

Vale observar que a origem da referência cultural remete a pelo menos três elementos históricos que instituem a vida social: experiência/sobrevivência, imitação e imaginação. Essas três dimensões não se processam de modo isolado, mas se cruzam e dialogam, de forma complementar ou mesmo contraditória. [F]ala-se ainda na variável da segmentação, que tende a criar situações culturais específicas, como ‘cultura política’, ‘organizacional’ (empresarial), ‘cultura religiosa’, ‘científica’ ou ‘educacional’. Não se trata de reivindicar ações isoladas na vida cotidiana, mas antes de acreditar que a gradual institucionalização de setores sociais tende a constituir e legitimar hábitos e mecanismos que, ao seu modo, criam relações culturais próprias. [...] E, na perspectiva que aqui nos interessa, na abordagem tradicional de que as culturas se legitimam e dialogam com opostos, a ‘cultura popular’ seria um contraponto da ‘cultura de elite’ ou ‘erudita’. (GADINI, 2007, p. 54-55).

Já o eixo temático “expressões folkcomunicacionais: etnias, religião, política, turismo, marketing” aglutina, para fins de caracterização sistêmica conceitual, estudos que abordam manifestações folkcomunicacionais de

grupos étnicos, política, religiosidade, turismo, marketing, dentre outros segmentos, visto que, ao se compreender a folkcomunicação, pela definição basilar cunhada por Beltrão (1980, p. 24), entende-se que não existe uma única forma de expressão folkcom. Assim, a referida “comunicação dos marginalizados” pode ganhar forma em manifestação de grupos étnicos, ações religiosas, gestos ou atos políticos, turismo e marketing.

Se considerarmos as duas primeiras categorias (em especial a segunda) como tendo ampla proximidade com a folkcomunicação e levarmos em conta que a terceira e a quarta podem aglutinar-se em uma classificação interdisciplinar, observa-se que pouco mais de um quarto (cerca de 25%) das abordagens nas Conferências (vide Quadro 5) situa-se fora do campo da folkcomunicação, passando ao largo da(s) perspectiva(s) da referida teoria. Isso porque o eixo temático “reflexões interdisciplinares” contempla, na presente pesquisa, estudos que se orientam por conceitos de diferentes setores do conhecimento e não focam pontualmente o campo folkcomunicacional. Tais textos dialogam com os mais variados autores, preocupações metodológicas e temas que se situam, regra geral, longe do campo de interesse da folkcomunicação. Em certos casos, tais reflexões estão distantes, ao menos no sentido conceitual ou metodológico, das perspectivas que marcam as pesquisas/estudos folkcom.

Por fim, a categoria “comunicação popular/massiva” remete às experiências de mídia com ampla abrangência (daí o caráter assumidamente massivo) com o público geral sem especificar variáveis de segmentação no consumo. E, na mesma lógica, a perspectiva do popular, neste caso, está associada ao massivo, pela pretensão de tais produtos/serviços dialogarem com marcas da cultura popular, *lato sensu*, sem especificar a centralidade de contribuições ou origens da respectiva dimensão popular. Um exemplo mais comum, para ilustrar como um trabalho apresentado nas Conferências Folkcom situa-se nesta categorização, é o estudo de produções de telenovelas. A opção por deixar o verbete com tal abrangência deve-se à pluralidade de temas que marcam os trabalhos dos eventos. E, pois, os estudos que tematizam aspectos de mídia massiva, e muitas vezes dialogam com apropriações, ainda que pontuais, das expressões populares, estão situados nesta categoria. Ressalta-se, contudo, que trabalhos que focam exclusiva e especificamente manifestações da cultura popular, sem a variável da dimensão massiva da mídia, estão em outra categoria.

Quadro 5 - Dicotomia entre folkcomunicação e estudos interdisciplinares nas Folkcoms de 1998 a 2011

Eixos temáticos folkcomunicacionais e interdisciplinares mais presentes	Total de aparições ao longo das edições da Folkcom (1998-2011)	Posição	Percentual
Cultura popular (84) e expressões folkcomunicacionais: etnias, religião, política, turismo, marketing (79)	163	1	36,3%
Comunicação popular/massiva (59) e Reflexões interdisciplinares (57)	116	2	26%
Total de aparições (um eixo por texto)/Total de textos das Conferências (1998-2011)	279/448		62,3%/100%

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012

Os eixos temáticos em que os trabalhos apresentados nas 14 edições da Conferência Folkcom mais se fazem presentes revelam o foco de um percentual expressivo em torno de tópicos bastante próximos. Do total de eixos apontados inicialmente na coleta, a expectativa de que seria mais plural ficou um pouco distante na sistematização dos dados. Se quatro eixos agregam mais de 60% do total de trabalhos apresentados, verifica-se que os estudos em torno do que aqui é indicado como “expressões folkcomunicacionais” (seja com foco em grupos étnicos, folkcomunicação religiosa, política, turismo ou marketing) representam apenas 17% do total dos *papers*. Um percentual, diga-se de passagem, que ainda parece distante da expectativa que uma conferência nacional temática – em folkcomunicação – de fato ainda consegue reunir.

Além da expressiva presença de estudos que tematizam a cultura popular (84 textos, com percentual estimado em quase 19% do total), destaca-se a concentração sobre mídia massiva ou com caráter massivo-popular, com 59 trabalhos apresentados, e de reflexões interdisciplinares com 57 *papers* apresentados ao longo das 14 edições da Conferência Folkcom. Um registro oportuno, ao se pensar que a folkcomunicação mantém, de fato, uma tendência e marca interdisciplinar em seu surgimento.

Confira, a seguir, a estrutura organizacional da Conferência, considerando o número de grupos de trabalho registrados em cada uma das edições realizadas:

Quadro 6 - Distribuição dos Grupos de Trabalho (ou algo similar) durante as edições da Folkcom de 1998 a 2011

Ano da Conferência	Número de grupos de apresentações de trabalhos	Número de textos da Conferência
1998	4	14
1999	5	18
2000	2	45
2001	12	44
2002		
2003	8	41
2004	10	60
2005	6	48
2006	6	42
2007	4	34
2008		
2009	4	45
2010		
2011	5	57
Número médio de grupos de trabalho nas edições da Folkcom/Total de textos das Conferências (1998-2011)	6	448

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisa (CFP/UEPG), 2012

O que se destaca são lacunas latentes nas lógicas organizacionais das Conferências, observadas na (in)definição de número de Grupos de Trabalho e nas (des)orientações sobre a formatação dos *papers*:

A edição dos anais dos eventos [...] carecem de uma padronização básica, que assegure ao leitor o acesso a informações elementares na apresentação de um texto, como as referências bibliográficas, tamanho dos textos aceitos (em alguns casos, variam de três a mais de 20 páginas), indicando quase a eventual interpretação de que vigora um vale-tudo. (KOSSAR FURTADO; GADINI, 2012, p. 14).

Esta falta de padronização dificulta o processo de identificação autoral, origem da pesquisa, bases metodológicas e referências bibliográficas, o que deixa a impressão de “amadorismo” (sendo provocativo) dos organizadores do evento.

A ausência de padrão na definição dos Grupos de Trabalhos (ou como queiram classificar, à moda dos organizadores das Conferências Folkcom) dificulta também a análise dos tópicos e especificações que norteiam as produções da folkcomunicação no Brasil. Para fins de pesquisa, estamos

chamando as diferentes nomenclaturas dos Grupos de Trabalho de “grupos de apresentação de trabalhos”³. É oportuno esclarecer que não se ignora o foco temático das Conferências e os ajustes realizados ao longo dos anos. Todavia, um padrão de grupos de apresentação facilitaria o trabalho de classificação das obras das edições da Folkcom. Para se ter uma noção da disparidade dos grupos, na Conferência de 2000 havia apenas dois grupos, já no ano seguinte (2001), foram 12.

Como se vê, há uma grande oscilação que, embora possa ser explicada por demandas e aspectos organizacionais das diversas edições da conferência, indica mudanças bruscas e que não necessariamente parecem atender às mudanças ou evoluções das pesquisas. Seria possível e oportuno pensar em grupos agregadores de estudo que mantivessem sessões temáticas similares ou longo dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais importante do que conclusões, o presente estudo lança alguns importantes desafios ao processo organizacional da Conferência Brasileira de Folkcomunicação – em primeiro lugar, no que diz respeito à forma como os grupos de trabalho, que devem operar como eixos agregadores de debates variados, são propostos e mantidos. Seria oportuno rever os dados deste estudo para avaliar qual a lógica que norteia tais mudanças nos GTs.

Um segundo aspecto envolve a presença, em certos pontos ainda tímida, da centralidade de estudos propriamente folkcomunicacionais no evento. Não se trata de excluir debates interdisciplinares e oriundos de áreas afins, mas procurar, seja nas estratégias de divulgação e debate público, focar a especificidade conceitual da folkcomunicação, buscando fortalecer o eixo norteador da Conferência. E, a partir daí, as contribuições de áreas afins ou mesmo interdisciplinares poderiam vir na perspectiva de discutir a Folkcom, tencionando com autores e temas afins. Do contrário, o risco é manter a Conferência como um – ainda que sempre oportuno – evento agregador de estudos culturais inter ou transdisciplinares.

E, por consequência, a presença maior de autores da área também tende a se fortalecer na mesma proporção ou possibilidade de se trazer autores de campos próximos com mais frequência, mas para pensar ou problematizar olhares folkcomunicacionais. Mas esta é apenas uma sugestão, que pode ser pensada nestes breves próximos anos!

³ Ao longo das Conferências, os grupos de apresentações de trabalhos, receberam vários títulos: Comunicações Científicas, Painéis, Seções, Grupos de Trabalho (GTs), Partes, Comunicações, Simpósios Temáticos, Festas Paradigmáticas, Colóquios Acadêmicos e Comunicações de Trabalhos Acadêmicos (CTAs).

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

GADINI, S. L.; CALIXTO, A. da C. Breve cartografia dos estudos em folkcomunicação: um retrato temático e editorial da Revista Internacional de Folkcomunicação. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 53, p. 215-231, jan.-jun. 2010. Disponível em: < www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/1574/1931 >. Acesso em: 4 abr. 2012.

GADINI, S. L. Cultura popular. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p. 54-58. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=htQFPuCV8VwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 7 mai. 2012.

GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=htQFPuCV8VwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 7 mai. 2012.

GOBBI, M. C. Uma vida dedicada à Comunicação. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. Rio de Janeiro, 2007. (Cadernos da Comunicação. Estudos, v. 17). p. 11-20.

KOSSAR FURTADO, K. W.; GADINI, S. L. Quais são as obras referências em folkcomunicação? Panorama bibliográfico da produção científica da Conferência Brasileira de Folkcomunicação (1998-2011). In: SEMINÁRIO DE INVERNO DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO, 15., 2012, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Agência de Jornalismo UEPG, 2012, 1 CD-ROM.

MARQUES DE MELO, J. Uma estratégia das classes subalternas. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. Rio de Janeiro, 2007. (Cadernos da Comunicação. Estudos, v. 17). p. 48-54.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. Rio de Janeiro, 2007. (Cadernos da Comunicação. Estudos, v. 17).